



A INDEXAÇÃO ANALÍTICA E AS NECESSIDADES DO HISTORIADOR E PESQUISADOR

Francisco Ruas Santos

- *Coronel de Infantaria R-1, possui os cursos da Escola Militar do Realengo, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Infantaria Avançada (Fort Benning, EUA) e Escola Superior de Guerra.*

Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição de "História do Exército Brasileiro"; idealizador do Centro de Documentação do Exército. No Ministério dos Transportes reorganizou e dirigiu o Centro de Documentação e Publicação, transformando-o em Centro de Informática. Dedicou-se atualmente ao estudo de sistemas de informações e dirige o Centro de Informações Culturais do Rio de Janeiro.

Obras publicadas: "Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes" e "Informação e Indexação"

Uma Forma Ideal para Captar o Pensamento Criador

A indexação analítica é o melhor meio para a recuperação das informações contidas num documento. Infelizmente, não está generalizada entre nós. Em países culturalmente mais desenvolvidos do que o nosso, é usada para a recuperação da informação relativamente a livros, periódicos e determinados tipos e suportes de informações. Podemos verificar que, via de regra, livros produzidos nesses países ostentam minuciosos *índices analíticos* (e não só de nomes ou assuntos) em ordem alfabética de assuntos, lugares e pessoas, e, às vezes, na forma bem moderna de índice rotativo. Além disso, periódicos da mesma origem apresentam seus índices analíticos em princípio anualmente.

Benefícios da Indexação Analítica

Quais os benefícios desses índices? O primeiro, sem dúvida, é o da valorização do pensamento criador, o qual, não fora a análise do conteúdo do texto,

refletida no índice, poderia ficar oculto àqueles que, por motivos vários, não podem fazer uma leitura atenta e demorada do documento. Percorrendo apenas o índice analítico, o leitor ou mesmo o simples curioso tem uma "radiografia" do pensamento do autor do documento, com a indicação da parte ou das partes deste, em que ocorre tal ou qual assunto.

Outro enorme benefício decorre da possibilidade de o índice analítico ser desdobrado em cabeçalhos de fichas pelos detentores dos documentos analisados, *mediante simples trabalho mecânico de cópia*.

Este benefício valoriza extraordinariamente os acervos documentais. De fato, um livro dá margem, usualmente, através dos procedimentos biblioteconômicos básicos, a cinco fichas — autor, assuntos (dois ou três) e título. Uma indexação analítica muito simples não dá menos de 15 assuntos, em média. Logo, aduz 15 informações àquelas 5 produzidas pelo trabalho biblioteconômico básico, ou *três vezes mais*, no mínimo, por livro. Se imaginarmos uma biblioteca de 3.000 volumes indexados analiticamente, teríamos 1.500 informações básicas e 45.000, no mínimo, provindas da indexação. Isto é, seria como se tivéssemos mais 9.000 livros (45.000 divididos por 5 informações básicas), ou uma biblioteca de 12.000 e não de 3.000 livros.

Evidentemente, isso é apenas um esquema para ajudar o nosso raciocínio, mesmo porque, por muito restrita que seja a indexação analítica, pode economizar tempo precioso ou propiciar descobertas felizes de valor inestimável.

Exigências da Indexação Analítica

Do ponto de vista de uma comunidade social, é necessário que a indexação analítica recorra a uma terminologia dela conhecida. Daí surgirem duas soluções: a utilização da terminologia dos sistemas de classificação usuais, como o CDD e o CDU; o emprego de terminologia em forma de *thesaurus* elaborado para cada campo de conhecimento. Na realidade, esta segunda modalidade tem emprego cada vez mais crescente na indexação, ficando a primeira para as tarefas de classificação e catalogação para as quais foi imaginada. Em resumo, as duas modalidades *coexistem pacificamente*.

Se a indexação analítica é, de outro ponto de vista, consequência do enriquecimento da comunicação social, fruto, por sua vez, do extraordinário desenvolvimento científico, tecnológico e cultural do último século, em especial, a *terminologia peculiar*, embora necessária, *já não é suficiente para o domínio das informações e, inversamente, para a pronta recuperação destas*.

É imperioso, pois, que haja uma *sintaxe de indexação*.

Um exemplo muito simples evidencia isso. Suponhamos a pessoa de José da Silva e os termos Fotografia (processo) e Fotografias (documentos). Mais de duas mensagens podem ser formadas e postas sob a forma de cabeçalho:

SILVA, JOSÉ DA. Fotografia¹ (*faz fotografia tecnicamente*)

SILVA, JOSÉ DA. Fotografia² (*faz fotografia artisticamente*)

SILVA, JOSÉ DA. Fotografias de (*as fotografias têm como objeto a pessoa*)

SILVA, JOSÉ DA. Fotografias (*as fotografias são de propriedade da pessoa, podendo não haver nenhuma de sua imagem*)

SILVA, JOSÉ DA. Fotografias para

SILVA, JOSÉ DA. Fotografia¹ e (*a pessoa e a técnica da fotografia*)

ETC. ETC.

Quando dissemos acima "mais de duas mensagens podem ser formadas", pensamos no que é mais comum fazer-se com os termos SILVA, JOSÉ DA e FOTOGRAFIAS (tomado por Fotografia também):

SILVA, JOSÉ DA — Fotografias

e

FOTOGRAFIAS — Silva, José da

Isto é, pela análise combinatória, dados n termos, podemos formular $n \times (n - 1)$ cabeçalhos comuns na catalogação corrente.

Mas, devido às exigências da Comunicação, *isso já não é mais verdade ou tarefa suficiente*. De fato, no exemplo, *apresentamos seis cabeçalhos, os quais, primitivamente, seriam reduzidos a dois apenas*.

O que acontece então?

Se o número de mensagens é restrito, um número também restrito de cabeçalhos pode satisfazer. Se o número de mensagens aumenta, e se ficarmos amarrados ao número convencional de cabeçalhos, *o usuário terá que fazer pesquisa seqüencial nos documentos, a fim de recuperar informações que não foram postas em destaque em cabeçalho*. Voltando ao nosso exemplo, admitindo-se o emprego de apenas dois cabeçalhos, os costumeiros, teria o usuário de esquadriñar documentos para os quais os dois cabeçalhos são pistas, a fim de recuperar informações específicas, tais as apresentadas na indexação analítica. Documentos, então, podem ser pedidos nas bibliotecas e arquivos *para nada se obter*. Se quantificarmos os custos dessas solicitações vazias, ficaremos surpreendidos com o desperdício de tempo e dinheiro, devido à inexistência da indexação analítica. Sem contar o desgaste dos documentos que foram manuseados inutilmente.

A conclusão, portanto, é que a indexação analítica reduz drasticamente a *pesquisa seqüencial* e elimina os "rebates falsos" nessa pesquisa, pois nos leva ao que desejamos, banindo a pesquisa inócua.

O estabelecimento das regras para a indexação e a codificação destas consubstanciam o que chamamos de *sintaxe de indexação*.

Esta e a terminologia em forma de *thesaurus* se associam para constituir o conjunto de procedimentos exigidos pela indexação analítica.

Instrumentos da Indexação Analítica

Essas exigências já estão atendidas, pois já temos um núcleo básico de terminologia em forma de *thesaurus* — o *Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes*¹ — e um manual contendo uma sintaxe de indexação — *Informação e Indexação*².

Esses trabalhos foram desenvolvidos no Projeto Informações Culturais, apresentado pelo Centro de Informações Culturais ao MEC, de modo a atender ao campo cultural. Assim, por exemplo, àquele *thesaurus* aduziram-se várias tabelas — Culturas Indígenas, Literatura de Cordel, Cultura Popular Regional e Produção Cultural, dentre outras — e enriqueceu-se a sintaxe com novas regras, as quais permitem maiores possibilidades para a recuperação da informação.

Outro instrumento da indexação analítica é o *formato* em que esta deve ser lançada. Concebemos dois tipos; um para livros e periódicos, outro para os demais documentos (de correspondência, filmes, fotografias, discos fonográficos, etc.). Os modelos desses formatos constam do supracitado manual.

É importante ressaltar que todos os dados caracterizados do documento — classificação, número de tomo, código no arquivo-mestre, etc. — entram em campos próprios do formato, assim se estabelecendo as ligações com os demais dados analíticos do documento. Em poucas palavras: através do formato, prossegue-se a análise do documento sumariamente feita por meio dos procedimentos arquivísticos ou biblioteconômicos básicos convencionais.

Esse formato é o suporte tanto para o processamento de dados por meios manuais ou mecânicos, quanto para o eletrônico e, neste caso, pré-formato de entrada em computador.

O Historiador e a Indexação Analítica

Nosso conceito de historiador aqui é muito amplo: pessoa que recorre a documentos para reconstituir ou conhecer um fato ou personagem históricos. Esse historiador tem formação assistemática — o das gerações com 70 e 80 anos, os mais, que não dispuseram do ensino universitário em nível de graduação ("escola normal de História") e o de nível de pós-graduação. As exceções, aliás muito poucas, não apagam o traço do autodidatismo que presidiu a formação dessas velhas gerações de historiadores.

As gerações de historiadores de formação sistemática estão fazendo sua entrada — freqüentemente brilhante — no campo dos estudos históricos brasileiros. Já não surpreende o aparecimento de teses firmadas por historiadores das gerações das faixas dos 20-30 anos e 30-40 anos de idade.

Como é que esses historiadores pesquisam, isto é, buscam informações nos documentos, nesses "oceanos" da documentação nacional?

Em primeiro lugar, lembremo-nos de duas coisas: 1^o — as fontes em forma de livro dispõem, quando temos a sorte de isso ocorrer, de índice onomástico e/ou de assuntos genéricos (Independência, Abolição, por ex.); 2^o — as fontes escritas não são devidas e completamente catalogadas. As exceções são alguns livros com índices analíticos, ainda que sem terminologia padronizada e sintaxe de indexação, e alguns acervos satisfatória e completamente catalogados.

Na prática da busca da informação acontece, então, um fato sobre o qual pouco ou nada se tem meditado: *o pesquisador, que já estudou, em cursos regulares de História, ou não, acha-se familiarizado com fatos e personagens históricos.* Muitos desses fatos e personagens já se tornaram *sinais* para esses historiadores. Assim, para um estudioso do século XVIII, basta a menção de um nome como o de Freire de Andrade, Conde de Bobadela, ou Marquês de Valdelírios, para falar, entre outros fatos, a demarcação de limites do Tratado de 1750 no Sul. Para essas pessoas, um simples índice onomástico pode ser meio caminho andado; mas quanto caminho perdido, *se não leva a informação nova ou procurada.* Daí podemos que esse tipo de indexação é muitíssimo insatisfatório e, no caso de historiadores sábios, muitas vezes inócuo.

Este caso ocorre freqüentemente quando o historiador lida com grande massa de documentos em que apenas os assuntos genéricos da catalogação fornecem o código de sinais orientadores.

Também não se quantificam o tempo e o dinheiro dispendidos nessa pesquisa vazia. O que é mais significativo, porém, é o prejuízo que dela advém às letras históricas, devido ao fato de não ter podido o historiador produzir mais, à vista do tempo assim perdido durante suas pesquisas.

À pesquisa histórica com essas características de *esquadrinhamento freqüencial excessivo ou inócuo, incidência de "rebates falsos" e anti-economicidade, denominamos PESQUISA ARTESANAL.*

Em outras circunstâncias, foi a pesquisa artesanal a única forma possível para o domínio da informação. Hoje, com a indexação analítica de base científica, já não é mais.

Uso da Indexação Analítica

Isso não quer dizer que a indexação analítica deva ser usada indiscriminadamente. Muito pelo contrário, por ser dispendiosa e dependente de pessoal muito especializado, trabalhando em equipes interdisciplinares, só deve ser empregada, no que se refere a acervos documentais, quando estes já estão preservados e catalogados, pois isto é prioritário.

Depois, *que seja sugerida por uma análise da demanda de informações sobre os acervos documentais.* Não se indexa, portanto, a esmo.

Em poucas palavras, a indexação analítica é *seletiva* por definição.

Mas, repetimos, o Brasil deixa muitíssimo a desejar, relativamente aos países desenvolvidos, principalmente quanto ao nível básico dessa seleção, o qual, para eles, já inclui livros de Ciência, Tecnologia e Cultura, e periódicos, quaisquer que sejam. Isto é, não fazemos ainda nem o mínimo do que fazem tais países.

Vantagens Inusitadas da Indexação Analítica para Historiadores ou Não

O pequeno desenvolvimento da indexação analítica no mundo cultural, inclusive o de fora das nossas fronteiras, não tem permitido uma visão completa de muitas de suas vantagens.

Para dar uma idéia desse subaproveitamento, imaginemos que um historiador formado e especialista no século XVIII queira precisar o que o livro de outro historiador diz sobre a atuação de Gomes Freire de Andrade na demarcação dos limites convencionados no Tratado de 1750. Uma vez que, na melhor das hipóteses, o livro consultado só tem índice onomástico, o consulente terá que recorrer algumas ou dezenas de vezes trechos da obra, até encontrar a informação procurada. Se esse pesquisador, através de anos de pesquisa artesanal e preparo de suas referências, já tem seus documentos arrumados, o encontro da informação pode ser rápido. Pode ter, por exemplo, transformado o índice onomástico em analítico *ad hoc*. Mas isso é caso excepcional entre nós, pois supõe idade proecta (tempo para estudo e organização) e recursos materiais, além de qualidades especiais, como memória. Exemplo típico (e raro, não esqueçamos) está na figura de Afonso d'Escragnolle Taunay.

Verificada a excepcionalidade do caso ideal, temos, então, de considerar o caso da esmagadora maioria dos estudiosos, pesquisadores, estudantes e historiadores principiantes, entre 20 e 30 anos de idade, massa acrescida por aqueles que não quiserem ou puderem organizar-se, embora de gerações com mais de 50 anos.

Neste caso, a indexação analítica, além do clássico ou convencional papel de indicar minuciosamente pessoas, lugares e assuntos, de modo interrelacionado deve:

- a) responder a indagações *outras* que os usuários eventualmente tragam em mente;
- b) sugerir possibilidades de informação, além daquelas que são usuais nos documentos indexados.

Exemplifiquemos.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação social e da própria pesquisa, os documentos ou fontes históricas já não são buscados, como até bem pouco tempo atrás, quase exclusivamente pelos historiadores. Hoje em dia, repórteres, argumentistas, escritores, estudantes e pesquisadores sob contrato, formam o maior contingente dos usuários dessa documentação. Em geral, são pessoas jovens que ainda não tiveram tempo para acumular cultura, ou pessoas cuja formação e atividades não são as do historiador. Tais usuários normalmente buscam informa-

ções para atender a determinada forma de produção cultural. Suas questões podem ser do tipo "Quais os personagens de interesse para se fazer um filme sobre garimpeiros?" ou "Há padres que se tenham destacado por uma vida aventureira?"

Portanto, não são perguntas que faria um historiador, pois o normal, para este, é já ir diretamente a este ou àquele garimpeiro, ou a este ou àquele religioso, como o padre Antonio Rodrigues, no século XVI, ou o padre Manuel Morais, no XVII, a fim de precisar alguma informação. E esta seria obtida, ainda que através dos percalços já assinalados.

No caso novo, e cada vez mais comum, a linguagem de indexação deve propiciar aos leigos aquelas entradas que, para o historiador formado, jazem no tesouro que é sua memória ou em seu fichário.

Então, o usuário deve ser orientado desde o seu primeiro passo e, assim, pesquisaria segundo as pistas:

Garimpeiros (como personagens de interesse na produção cultural)

Aventureiros (padres)

Argumentos. Garimpeiros

Argumentos. Aventureiros (padres)

Debaixo de cada uma das pistas, viriam as referências dos documentos em que o assunto é tratado.

É JUSTAMENTE NESTE CASO QUE A INDEXAÇÃO ANALÍTICA APRESENTA VANTAGENS QUE ATÉ AQUI NÃO FORAM VISLUMBRADAS. OU, SE O FORAM, NÃO ENCONTRARAM OS INSTRUMENTOS QUE AS EVIDENCIASSEM.

Realmente, sem uma linguagem de indexação, em que constem aquelas entradas, o usuário leigo fica totalmente desamparado diante dos documentos, ou os enfrenta em pesquisa artesanal.

O esforço maior do Centro de Informações Culturais, conforme o espírito que o anima, e a letra de seus Estatutos, é desenvolver esse tipo de linguagem, necessariamente de grande variação semântica, voltada para a geração de bancos de dados utilitários (de argumentos, de textos para a História Documental, etc.).

Produtos complementares podem ser, dentre outros, *efemérides* e *vivências urbanas*, além da complementação de índices sumários de nomes, lugares e assuntos que, à vista do exposto, pouco informam não só para o profissional, quanto, principalmente, para o leigo, justamente o mais necessitado da informação.

A Indexação Analítica na Memória do Computador

Passando-se essa indexação analítica para o computador, é possível o diálogo *HOMEM-MÁQUINA*, agora infinitamente variado e enriquecido, pois essa fabulosa tecnologia, que é o computador, pode:

- a) acumular enormes quantidades de informações, ordenando-as convenientemente à medida que entram (pré-coordenação) ou mediante solicitação para saída (pós-coordenação);
- b) ser alimentado de diversas e afastadas origens da informação, ao mesmo tempo;
- c) inversamente, disseminar as informações armazenadas, quer através das telas dos vídeos dos terminais dos usuários, quer através de documentos que imprimam em alta velocidade, como listagens e resumos.

Isto já está ocorrendo, inclusive em sistema ou rede de teleprocessamento, tal o caso das informações legislativas (base da História Administrativa), em Brasília, incluindo o PRODASEN e Ministérios principalmente.

Para concretizar uma forma de desenvolvimento, imaginemos que, de modo análogo, o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro façam parte de uma rede de teleprocessamento e que seus catálogos já estejam armazenados no centro de computação que os apóia. Suas salas de consulta ou pesquisa dispõem de terminais, como já é usual nas agências de passagens aéreas.

Assim, um usuário na Biblioteca Nacional será informado imediatamente que um documento que ali busca só existe no Instituto ou no Arquivo. Resumos dos documentos poderão ser projetados na tela. Solicitações de impressão de referências poderão ser atendidas.

Se houver indexação analítica, as possibilidades desse *sistema de informações* ficarão extraordinariamente aumentadas, pois a máquina pode apresentar tudo o que haja sobre determinado fato ou personagem na documentação das três instituições.

Ja se inicia a fase da catalogação coletiva pelo computador, através da aplicação do Formato CALCO, o que permitirá, dentro de alguns anos, a realização do que para muitos ainda parece um sonho.

Chega também a hora da indexação analítica, como um fator, e poderoso, do nosso desenvolvimento cultural. É nela que os historiadores e pesquisadores encontrarão seu mais poderoso aliado para a superação das pesadíssimas e demoradas tarefas da pesquisa pura, feitas ainda artesanalmente. E, assim, poderão dispor de mais tempo para a pesquisa aplicada, a elaboração, a produção cultural enfim,

1 — Centro de Informática do Ministério dos Transportes, Brasília, 1976.

2 — Idem, idem, 1977.